

# Ritmo de fusões e aquisições globais deve crescer no ano

Movimento é indicado por um terço das mil companhias entrevistadas em pesquisa mundial da Ernst & Young Terco

**Luciano Feltrin**

lfeltrin@brasileconomico.com.br

O pior da crise ficou para trás e, mesmo com um alto grau de incertezas rondando a Europa, os empresários estão otimistas. Um terço das mil maiores corporações globais pretende participar de fusões e aquisições até o final do ano. Se considerado um prazo maior — os próximos dois anos — o percentual salta para 44% das companhias. Os números são do levantamento Capital Confidence Barometer, preparado pela Ernst & Young Terco.

O final do período mais agudo de turbulências, projetado por 60% dos executivos para acontecer ao longo dos próximos 12 meses, é o principal estímulo para ampliar o apetite por aquisições.

Já fatores como a instabilidade política no Oriente Médio, o recente desastre natural japonês, as dificuldades da reconstrução do país, além da inflação, concentram as preocupações de que a economia mundial pode voltar a patinar, cita Carlos Asciutti, sócio de transações da Ernst.

Com o mercado financeiro e de capitais voltando à normalidade, o maior obstáculo ao fechamento de transações passou a ser o preço. Metade dos empresários ouvidos considera que a diferença entre as perspectivas de compradores e vendedores é o fator mais relevante para levar os negócios à frente. “Fazer a avaliação correta da empresa a ser adquirida, das margens da operação e da rentabilidade, cruzando os dados com o que deve acontecer no cenário econômico é essencial para uma fusão bem-sucedida”, exemplifica. O levantamento aponta que metade dos empresários entrevistados notou o aumento das perspectivas sobre os valores das transações. No Brasil, a pesquisa ouviu 52 empresas.

“O mercado brasileiro está cerca de 30% mais caro em dólares

Marcela Beltrão



**Carlos Asciutti**  
Sócio da  
Ernst & Young

**“Os ativos brasileiros estão 30% mais caros em dólar em relação a dois anos atrás. Isso acaba tirando alguns possíveis compradores de um negócio e dando vantagens aos fundos de private equity”**

em relação a dois anos atrás”, diz Asciutti. “Isso acaba tirando alguns possíveis compradores de um negócio e dando aos fundos de private equity e empresas de capital aberto uma vantagem importante na escolha por bons ativos”.

## **Ainda em alta**

Valorizado, o Brasil continuará registrando um volume de fusões maior do que a média internacional durante um período também maior, projeta Asciutti. Enquanto globalmente 50% das empresas pesquisadas devem voltar suas atenções para o crescimento orgânico, por aqui ainda há muito espaço para crescer. Consolidações setoriais, comandadas por grandes gestores de private equity, e o volumoso investimento necessário para melhorar os gargalos de infraestrutura e serviços serão os responsáveis por alimentar essa fase.

Para reduzir o custo dos investimentos nesses setores, considerados rentáveis apenas em prazos mais longos, alguns investidores buscam estruturar fundos que equilibrem captações em dívida e desembolso de caixa propriamente dito. Conhecidos como fundos mezanino, são uma forma de dividir os custos e riscos de uma operação entre diversos investidores.

A Ernst, por exemplo, participa da montagem de três operações desse tipo no momento. “Quando o mercado de dívida e financiamento de longo prazo estiver desenvolvido, a participação de private equity no PIB vai crescer muito, não faltam dinheiro e interessados em vir para o Brasil”, diz Asciutti. (ver matéria ao lado).

Vilã para exportadores, que veem suas receitas minguarem, a valorização do real ajudará empresas brasileiras que buscam a internacionalização por meio de fusões. Um movimento que começa a acontecer envolve negócios entre empresas dos países emergentes. ■